

Gravação: arquitetos_ep7_jauregui_versao_bloco_unico

Duração do Áudio: 31 minutos

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não identificado
Orador B	Não identificado
Orador C	Não identificado

[01:00:46:11]Jorge: Eu sempre tive como referência essa definição que Niemeyer dava de que quando uma forma cria beleza, chega a ser funcional, e, portanto, fundamental para a arquitetura. Pra ele, a forma deriva do impulso criativo, do impulso estético, particularmente. Com isso, ele estava reclamando um direito à beleza, que é um direito tão fundamental quanto o direito à infraestrutura, habitação, ao espaço público. E isso talvez tenha me impulsado a sempre buscar aproximar arquitetura e a arte. O [inint] [01:01:36:05] é latino-americano e uma responsabilidade, é traduzir a riqueza de situação

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

que o nosso continente tem, culturais, linguísticas, paisagística, climática, técnicas, sociais, em cada uma das intervenções.

[01:02:10:25]Guilherme: O Jorge Mário Jáuregui é um arquiteto nascido na Argentina, radicado no Brasil, no Rio de Janeiro. Portanto, um arquiteto de uma identidade latino-americana por excelência, não é, numa cidade, o Rio de Janeiro, onde as questões sociais junto com a informalidade e a premência da geografia são muito importantes. Então o trabalho dele, digamos, muito mais do que em relação ao objeto arquitetônico, atua no campo fortemente do urbanismo e da habitação social. E é diante dos dramas da informalidade e das precariedades urbanas, que ele dá a sua contribuição de arquiteto como projetista sob uma ordem desregrada e precária.

[01:03:05:14]Jorge: Para alguém que vem com uma experiência política como eu vinha, fica clara a existência de uma cidade partida, uma cidade dividida entre a [inint] [01:03:15:04] e morro, por exemplo. E sempre foi uma interrogação, o que que poderia ser feito para aproximar esses dois mundos, digamos, essas duas partes da cidade. Desde o início quando eu cheguei, notava muito andando por Copacabana, o contraste entre a parte plana, a parte integrada da cidade e o morro que aparecia na paisagem permeado de casinhas populares. Porque uma cidade partida é partida fisicamente e socialmente também. Aqui no Complexo em torno de oitenta mil pessoas, ou seja, uma população bastante grande, por isso se instalou um sistema de teleférico que é um sistema complexo, um sistema caro, não é um sistema barato, é um sistema que resolve a conectividade interna da comunidade e a conexão com o entorno, coisa que não poderia ter sido feita ou teria tido um custo ainda maior, abrir todo um sistema de novas vias de circulação derrubando casa para poder ter acesso ao topo do morro que o teleférico permite. Primeiro parecia algo desmensurado para um equipamento de prestígio demais para colocar em comunidade pobre, mas tanto isso havia resistência da parte do poder público quanto de alguns moradores que por exemplo tinham medo de pensar em subir num sistema de cabo elevado suspenso, e as pessoas mais idosas sobretudo era que tinha mais resistência. Os jovens subiram no primeiro dia e não queria descer da cabine, porque era também um elemento lúdico, um elemento de passeio, vendo a sua comunidade de cima que é uma vista absolutamente insólita. A pessoa aqui do Complexo tem muita relação com Bom
Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Sucesso que é a primeira estação de união com a linha do trem. Em Bom Sucesso está o hospital que atende a comunidade, escola, universidade, comércio, transporte, transporte de ônibus e transporte de trem. Então o teleférico veio a conectar, a agregar uma mobilidade para pessoa da comunidade enorme, porque havia um complexo com várias, vários morros que formavam entraves neles mesmos, e o fato de conectar por cima veio a desencravar as áreas mais difíceis de acesso do complexo. Então de repente se tornaram mirante, porque ao estar no topo do morro, tem trezentos e sessenta graus de vista sobre a cidade e sobre o entorno do complexo. Além do serviço de transporte, tem equipamento específico, nesta aqui um banco que nesta área da comunidade não tinha banco, então eles pediram um banco. Na última estação tem uma biblioteca que trouxe pelo projeto. Depois nas outras estações tem sala de dança, sala de referência a juventude, tem vários equipamentos diferentes em cada uma dela. Essa aí na frente é uma vista bem impressionante, uma parede vertical de edifícios. É como se for uma apresentação do complexo para o público que não é do próprio lugar. Primeira impressão que tem o visitante quando vem pela primeira vez "caramba, quanta casa, quanta gente". E é mesmo, você ao mesmo tempo que está por cima, pode ver as atividades das pessoas nas suas casas, por exemplo. Pássaros, movimento, gente falando, música saindo da casa... Sim, dá pra perceber muito, o som vem pra cima. Eu realmente como a maioria que chega avista a cidade, fica encantado com a paisagem, com esta relação entre mar, lagoas e montanha, coração verde da cidade, que o luxo, uma cidade, uma metrópole ter um coração verde como o Rio. Sempre digo que volto a Argentina para restabelecer minha relação com uma horizontalidade, porque aqui no Rio a gente tá sempre balizado pelo morro, pelo Pão de Açúcar, o Cristo, Dois Irmãos... Então, aqui a gente tem uma relação com a vertical da natureza. Os bairros são como enclaves dentro da natureza, é... Copacabana, Bota Fogo, Urca, onde eu moro... São claramente pequenas ilhas, só que configuram uma espécie de arquipélago, por exemplo, [inint] [01:08:35:24] dizer que Rio é uma cidade de arquipélagos. Eu já tinha estudado estes prédios na arquitetura moderna quando me formei na faculdade e quando vim ao Rio de Janeiro foi um dos primeiros lugares que eu visitei, sem dúvida, porque os prédios que estão aqui são dos anos quarenta e oito, cinquenta, e é o momento alto da produção arquitetônica brasileira que interpreta

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

a modernidade e a sintetiza num edifício desta qualidade, desta consistência. Me impressionou muito o edifício e o parque, a qualidade de vida, a relação entre a natureza entrando dentro do edifício, do piloti, da fachada configurada por cobogó, que é esse elemento cerâmico perfurado que permite filtrar a luz do sol e dar também um grau de privacidade a vida da varanda. Este aqui é uma síntese da cariquise em termos de arquitetura habitacional e é um ponto alto da arquitetura habitacional no continente latino-americano inteiro. Eu sou autoral, mas ao mesmo tempo eu dou espaço para que as pessoas proponham suas ideias, proponham as suas visões, proponham as suas intenções projetuais também. Quando iniciamos um projeto, eu faço as primeiras [inint] [01:10:34:17] que é fundamental, caminhar, ouvir e ver os lugares. Imediatamente depois começam as primeiras imagens, as primeiras intenções de projeto, o primeiro croqui, e esse croqui, e nesse momento começa a ser passado a limpo junto com a integração de outra ideia que vão se gerando aqui no escritório por outros arquitetos. Tive que sair por causa do golpe militar lá, só que os militares ficaram mais tempo e depois quando eu pensei em voltar para a Argentina, já estava a redemocratização com Alfonsín, mais veio aí pela inflação, e aí digamos impossibilitou a minha volta. Então, a partir desse momento eu não pensei mais em voltar, além do que cada vez eu estava mais integrado na cariquise. Gosto muito como todo gringo quando chega ao Rio, a primeira coisa que visita é Santa Teresa, por quê? Porque hoje e desde que eu cheguei ao Rio, há muito tempo, é um bairro boêmio. Tem uma configuração de morro com traçado de ruas curvas, não tem ruas retas, passa o bondinho que lhe dá um ar antigo muito agradável, e está pontuado de casas e casarões. Hoje realmente bairro da boêmia, de restaurantes, de galerias, de ateliê de artistas, mas mantém um caráter aonde você pode passear, pode caminhar. Quando você vem a Santa Teresa, o ritmo louco da cidade de baixo, da cidade, da parte plana da cidade, muda completamente. Aqui as pessoas se encontram, aqui conversam, aqui há um tempo para se deter e digamos conversar com os amigos. Este é um lugar que permite essa continuidade de atividade, continuidade não só da calçada que você pode andar, senão também continuidade de uma galeria, um cinema, um restaurante e andar pelo bairro e permanecer na praça, a gente pode perceber a vida do bairro, pode ver como as pessoas se movimentam no espaço público. Num entorno agradável como

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

este de antiguidade que fala de tempos heroicos, de tempos passados, mas com uma memória acumulada nas pedras, nos pisos, na parede, que remetem realmente a uma época aonde o tempo tinha outro significado. Minha mulher quando descobriu este bairro aqui, ela falou "é nesse bairro que eu quero morar", e desde esse momento ela saiu a buscar permanentemente durante dois anos, porque não tinha oferta. Caminhar, o bairro é uma, um costume aqui dos moradores, caminhar e correr na borda da praia. Tem uma característica de cidadezinha do interior, aqui todo mundo se conhece, você recebe a compra na tua casa, a farmácia te entrega em casa, a padaria te entrega também. Não é um lugar, um bairro de passagem como os outros bairros, Copacabana, Ipanema, Leblon. Aqui só vem quem mora, aqui não tem prédio, este é uma exceção, este prédio, seis andares. Mas normalmente são casas de um, dois, três como máximo pavimentos. Então mantém uma escala a relação entre a, calçada, edificações, é uma relação muito na escala humana. Então você se sente acolhido pelo bairro, acolhido pelo espaço público. E este é um, uma espécie de oásis no qual a urbanidade ainda subsiste mesmo, digamos, sendo parte de uma metrópole. Eu escrevia para a Revista da Arquitetura Projeto EAU, entre outras, também pra jornais. Isso é uma tarefa que eu considero muito importante para um arquiteto expor a leitura de um lugar e também recolher, acolher as ideias que estão circulando num determinado momento no mundo sobre arquitetura e urbanismo. Então esse papel cultural eu desenvolvi por muitos anos, tanto que eu aqui no Brasil fui conhecido primeiro por escrever na revista como teórico e só depois que eu fiz, fui aparecer com as obras. E era um militante político técnico, a profissão então em segundo lugar e a política em primeiro lugar. E quando eu cheguei aqui, eu então inverti a hierarquia, e a profissão passou a estar em primeiro lugar e a política em segundo. Uma escola pública, profissionalizante, a Biblioteca Parque, Centro de Geração de Trabalho e Renda, unidades habitacionais e um posto de saúde atrás, e a Casa da Mulher aqui. Tudo isto forma parte de uma transformação dos edifícios militares, galpões e edifício do comando em novo equipamento público para a favela de Manguinhos. E o interior da biblioteca é totalmente nova e a gente trabalhou com um critério de separar o que protege as paredes e o teto do galpão, e colocamos a biblioteca de maneira solta dentro desse espaço, evidenciando a relação entre o novo e o antigo. As intervenções sem dúvida que

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

ajudam a desencravar os lugares, a torná-los mais acessíveis. Esta biblioteca que é frequentada por gente da comunidade, mas também de fora, contribui muito a que se circule gente, a que se utilize o espaço, a que se torne mais povoado e, portanto, mais seguro. Este livro é de Francisco Alvim, poeta acho que paulista, gosto muito, tem um que diz: "Quer ver? Escuta", esse é o poema. Gosto muito de Copacabana, para mim é o bairro mais democrático da cidade, aonde tem o rico que mora na beira mar e a favela também, e no meio toda a gradação da escala social da sociedade brasileira. Em Copacabana para mim representa esta síntese de urbanidade numa metrópole, um bairro completo em si mesmo, que tem residência, comércio, serviço, lazer, a própria praia. Então é um bairro completo. É um luxo até num bairro metropolitano uma praia dentro e uma praia usada o tempo todo para ginástica, para lazer, para tudo, pelos habitantes do bairro e pelos turistas. Então a gente aqui tem uma enorme perspectiva aonde vemos o mar, a praia, os edifícios e os morros. Temos uma síntese do Rio de Janeiro nesse bairro aqui, e o Pão de Açúcar lá no final que, digamos, tem um dos cartões postais dentro do bairro. Quando eu cheguei pela primeira no Rio de Janeiro passava até oito horas por dia na praia, ficava maravilhado com a praia e com a vida que ela tem, o tempo todo as pessoas utilizam o calçadão e a praia como extensão da sua casa, como uma sala de estar urbana. Tem os turistas também que lhe dão um caráter especial, aqui se fala várias línguas o tempo todo. E eu particularmente tenho um lugar preferido, que é a ponta dos pescadores, do outro lado [inint] [01:20:47:02] aqui em Copacabana e acho que isso lhe dá um caráter assim bastante tradicional ainda ao bairro. A paisagem monumental da praia e da montanha com a arquitetura também, formando uma espécie de grande rodapé de dez pavimentos de altura que é algo bastante difícil de encontrar em outra cidade no mundo, para não dizer impossível. Para mim, o Rio é isso, a magnificência da natureza e o encaixe do homem nessa natureza da maneira que pode. Esse aí também o urbano, também implica num momento de criação quando se formula um plano urbanístico. A pintura tá um pouco [inint] [01:22:08:07], precisando de uma outra...

[01:22:10:12]Orador A: É, devido à chuva né, tá batendo quando chove, vento...

[01:22:16:16]Jorge: Aqui também [inint] [01:22:17:19]. Uma coisa boa é que as árvores estão crescendo, esta era pequeninha quando a gente planto um agora já tá uma boa árvore.

[01:22:33:06]Orador A: Aqui é tudo de bom, aqui é lindo...

[01:22:35:06]Jorge: Aqui é muito bom. Essa área aqui é uma área de brincar das crianças, vizinhos conversarem...

[01:22:43:10]Orador A: Eles planta, eles agoa direitinho...

[01:22:45:07]Jorge: Eles planta? Muito legal. E este ambiente assim sombreado é que favorece que a pessoa pode ficar fora... Tudo bem?

[01:22:53:26]Orador B: Tudo bem?

[01:22:54:21]Jorge: Como é que vai?

[01:22:55:15]Orador B: Tranquilo.

[01:22:56:04]Jorge: Estou mostrando a vida aqui.

[01:22:57:08]Orador B: É?

[01:22:58:12]Jorge: Podemos entrar?

[01:22:58:28]Orador B: Pode. Pode entrar.

[01:23:02:11]Jandira: Opa!

[01:23:03:04]Jorge: Oi, como vai?

[01:23:03:26]Jandira: Bom dia!

[01:23:04:08]Jorge: Tudo bem?

[01:23:06:09]Jandira: Tudo bom? Como estamos?

[01:23:09:29]Jorge: É uma visita surpresa.

[01:23:10:27]Jandira: Ah tá! Na arrumação os móveis tudo diferente...

[01:23:13:20]Orador B: Na arrumação... Na arrumação é diferente.

[01:23:16:06]Jorge: Então é bom aqui [inint] [01:23:16:27] este lugar porque dá pra ter uma ideia de como é quarenta e dois metros, você pode ter uma casa bem arrumada com dois quartos, banheiro, cozinha, área de serviço... E bem legal, dá pra morar... Cada vez que a gente vem tem surpresas, sabe, umas agradáveis, outras menos agradáveis. Todas as obras se transformam ao longo do tempo, difícil uma obra permanecer igual a como foi concebida, mas o ambiente ainda dá habitação popular. Isso é uma espécie de lei.

[01:23:52:22]Orador A: Pode ver que o lugar o mais tranquilo, mais bonito é esse lado aqui.

[01:23:55:29]Orador C: Esse lado aqui.

[01:23:56:10]Jorge: Sempre foi.

[01:23:56:25]Orador A: É, esse aqui.

[01:23:57:00]Orador C: Esse lado aqui, exatamente.

[01:23:57:23]Jorge: Sempre foi, desde o início.

[01:23:58:08]Orador C: É, e consegue, tem a Jandira aqui ó, aqui ó, cabeça disso aqui ó, tá sempre de olho, limpando as planta.

[01:24:04:04]Jandira: Ai de quem arranca uma folha. (Risos)

[01:24:05:25]Orador C: E se arranca uma folha aqui, é com ela.

[01:24:07:16]Jorge: Apanha.

[01:24:08:11]Orador C: E ela tá certa.

[01:24:09:28]Jorge: É um aprendizado longo, então a gente sofre por que vê a coisa se destruir, mas por outro lado não tem como evitar. Talvez a coisa mais gratificante de trabalhar com organização de favela, a profunda, a tremenda transformação que provoca o projeto. Eu me lembro do início quando a gente inaugurou isso aqui, o rosto das pessoas, a felicidade de ter recebido uma casa e ter um espaço para a convivência de seu filho, de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

qualidade, é algo assim das maiores satisfações que um arquiteto pode ter. O contraste entre, digamos, o artificial da construção, as cores as edificações em contraste com o morro verde, é porque isso, artifício e natureza, duas coisas na mesma, no mesmo ponto de vista, também interessante. Chamo isso da parte [inint] [01:25:28:11] prédios muito altos balizando a rua. Bonita essa vista, não? Das construções populares e lá a natureza [inint] [01:25:48:29]. A gente está na fronteira entre o bairro de Catete e Laranjeiras, uma praça de caráter bucólico, tem gente do bairro que passeia, criança, que passeia o cachorro, que ficam conversando... À noite fica cheio de jovem, é um point da cidade, o baixo Catete digamos assim. Existia uma praça aqui, mas a setorizamos com uma parte para criança, uma parte no meio para o jovem e outro setor para terceira idade... É uma praça feita em tijolo aparente, algo bastante insólito aqui no Rio d Janeiro, isso lhe dá uma textura e um caráter e também mais intimista. Tinha um grupo de pessoas, um grupo de senhoras aqui que queriam cercar a praça, queriam transformar a praça num reduto para que seus filhos pudessem brincar, entre aspas, em segurança. Num... Digamos, manifestando uma ideologia da privatização do espaço público. A gente teve bastantes brigas para conseguir não cercar, o espaço público tem que ser um lugar de manifestação de todos os imaginários, um espaço aberto, acolhedor, inclusive das diferenças e não justamente manter os iguais apenas, e os diferentes fora. Isso é um sintoma de uma sociedade doente, digamos, de uma sociedade que tem desconfiança do outro. Um espaço público seguro é um espaço usado, ocupado permanentemente, se possível vinte e quatro horas, rua vinte e quatro horas, praça vinte e quatro horas, tudo vinte e quatro horas, digamos, funcionando sempre. De maneira que cada um possa conectar seu ritmo pessoal ao ritmo social na medida das suas necessidades e seus desejos. E você sempre tem a possibilidade de que aconteça o inesperado, o não pensado, o não planejado. Quando um espaço é capaz de acolher o não pensado também, é uma medida de seu êxito para mim. Todo ato de criação tem um pouco de casuístico, de acaso, mas esse acaso só pode acontecer uma vez que você tenha acumulado o suficiente de conhecimento da disciplina como para poder incluir esse elemento aleatório que vai poder ser sintetizado numa forma. O destino último da arquitetura servir, responder a uma função, senão interpretar a função com um sentido que vai muito além da função, que busca ser uma expressão de uma

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

cultura. E justamente o ato criativo que se traduz normalmente no desenho, no lápis, na ponta do lápis. É um impulso que vem de dentro, da espiritualidade do ser. Esse impulso é o que constitui a razão de ser de uma aula, de uma arquitetura ou de uma pintura ou de um texto. Esse desejo de outra coisa, desejo de mais, desejo daquilo que está sempre nos escapando.

Fim da Gravação 01:30:09:02